



MARIA DA CONCEIÇÃO SANTOS

MARIA DA CONCEIÇÃO SANTOS

UMA PSICÓLOGA QUE É SÍMBOLO DE LUTA

Elis Regina Castro Lopes

Psicóloga, doutora em história social - UERJ, docente de graduação em psicologia da Unisiam e Uniabeu. Docente na pós-graduação em socioeducação na Universidade estadual do Paraná, possui livros e artigos publicados.

“Eu nasci para ser psicóloga, eu gosto, é uma coisa que pulsa na minha veia. Eu gosto de estar com o meu público-alvo, que é o adolescente”¹.

MARIA DA CONCEIÇÃO SANTOS

Um certo dia recebi uma mensagem, era um convite, foi-me dada a missão de homenagear uma colega de trabalho, Maria da Conceição Santos. Sabia que não seria fácil colocar na escrita toda admiração que sempre senti por Conceição, nossas histórias se entrecruzam, somos duas mulheres negras, nordestinas, mães, psicólogas e que trabalham no DEGASE há trinta anos. Pois bem vamos lá.

Conceição viveu todos os desafios possíveis que uma mulher, mãe e negra pode viver. Mãe de três crianças, precisou trabalhar para auxiliar o sustento do lar. Chegou ao DEGASE em 1994 com seu filho caçula ainda bebê, apenas quatro meses, o peito da mãe enchia de leite até transbordar, mas

seu filho estava em casa à espera do leite envolto do carinho materno.

Filha de mãe solo, em Salvador, na Bahia, há mais de seis décadas nascia uma menina, mas ainda muito cedo se viu sem a presença da mãe, uma vez que ela veio para o Rio de Janeiro trabalhar como doméstica. A falta da mãe na Bahia fez Conceição adoecer, precisando vir aos seis anos para o Rio de Janeiro. A menina acreditava que ficaria com sua mãe, contudo precisou ficar por um tempo aos cuidados de terceiros, já que sua mãe precisava trabalhar. Já na pré-adolescência, quando finalmente foi para os braços de sua mãe, foi morar em uma favela, era mais uma Maria seguindo o rastro de tantas Marias nesse Brasil desigual. Conceição era uma menina curiosa e inteligente, mas tudo seria engolido pelo cotidiano adverso, se não fosse estudar em colégios públicos da zona sul, onde sua mãe trabalhava. É claro, um Estado que vive o apartheid, os melhores colégios se encontram em lugares privilegiados e isso contribuiu para mudar seu percurso, pois, apesar de o mundo branco lhe dizer não, Conceição conseguia ferramentas para questionar seu lugar e desejar mudar o destino que tinham separado para ela.

Em uma conversa informal, Conceição falava, com olhar distante, que veio a usufruir de direitos básicos aos doze anos, pois na comunidade em que morava o saneamento nem pensava em chegar. Muito jovem ainda precisou seguir os passos da mãe, foi trabalhar fazendo faxina para auxiliar em casa. Mas a menina guerreira dizia que não era esse seu lugar. Batalhou muito para conseguir estudar à noite depois de um dia cansativo de trabalho. “Eu quero ser psicóloga!” Estava decidido. Entrou para faculdade, sonho de uma menina que se tornou o sonho de uma família inteira. A primeira graduada da família. Mas era preciso muita luta, na faculdade também não foi diferente, o racismo imperava, o que fazia uma menina negra no lugar de brancos? A menina guerreira ganhava mais uma batalha: ainda na faculdade, passou em uma seleção para o cargo de secretária para o Arsenal da Marinha. Tudo pronto a vaga era sua, todas as exigências cumpridas, agora era só se apresentar ao seu chefe que seria um almirante. Naquele dia Conceição colocou a melhor roupa, fez uma linda maquiagem, se encheu de coragem e foi. O orgulho não lhe cabia no peito, nem muito menos o nervoso. Chegou cedo e esperou, até a hora em que o almirante a chama. Em sua apresentação, ele a olha com indignação e fala sem pudor: “uma mulher negra para me secretariar! Não posso aceitar!”

Conceição sai daquele lugar sem enxergar nada na sua frente de tantas lágrimas que lhe escorriam pelas faces. Mas como uma legítima guerreira, decidiu que faria algo. Simplesmente ela escreve para o Presidente da República, na época, João Figueiredo, apesar de receber uma devolutiva, nada aconteceu! Já psicóloga, tenta o trabalho clínico, em consultório.

O tempo passou e a menina guerreira se transformou em uma linda mulher. Conheceu a paixão e se casou. Tudo mudou! Seu esposo era um oficial da marinha mercante, Conceição conheceu outros países, outras culturas, era um novo horizonte abrindo-se em sua frente.

A maternidade chegou, já no seu terceiro filho, Conceição percebeu que algo havia de diferente, e entre médicos e exames, o diagnóstico chegou, era uma criança com espectro de autismo. Era mais um desafio em sua vida, pois sua filha do meio também apresentou problemas, sua vida se encontrava entre médicos, escola, casa e trabalho. Mas o amor materno a fez superar tudo e, com muita garra e amor, cuidava dos três filhos.

E é em meio a esse turbilhão, que Conceição chega ao DEGASE. Um concurso público representava uma segurança para ela e sua família. Não queria arriscar, precisava passar, assim decidiu fazer o concurso para auxiliar de serviços gerais. Era um novo momento, conquistava aqui sua independência financeira. Mas, apesar da luta diária pela qual passa uma mulher que é mãe de criança atípica, sua determinação não permitia que Conceição se desmotivasse e parasse de sonhar. Foi assim que, em 2003, um gestor, Sidney Teles, decide colocá-la na função de psicóloga, “o chamado desvio de função”. Conceição mexeu com as estruturas, algumas pessoas não aceitavam, “Como assim? Uma auxiliar de serviços gerais, ela é mesmo psicóloga?”. Certa vez precisou levar suas fotos de formatura para pararem de lhe questionar. É nesse momento que Conceição tem a certeza de que precisava fazer o concurso para psicóloga, era seu sonho, tinha estudado para isso! Apesar do questionamento do marido, ela estava decidida!

A volta aos estudos não era fácil, mas ela não desanimou, matriculou-se em cursinhos, e renunciou aos finais de semanas para dedicar-se aos estudos, por vezes sentia culpa de não estar com os filhos naquele momento, mas sabia que era para o bem de todos.

Em 2014, Conceição assume no DEGASE o cargo de psicóloga. Agora passa a dividir a sala da equipe técnica com outros profissionais. Conceição era legalmente uma psicóloga concursada do DEGASE!

Em meio a tanta alegria, uma colega questiona: “Como assim? Você passou? Gente, estou boba!”. Mas não parava por aí a discriminação sofrida por Conceição, por várias vezes precisou provar que era psicóloga e não mãe de adolescente dentro do Sistema Socioeducativo. Conceição tem entendimento das questões raciais que imperam nesses espaços, e faz disso a sua luta contra qualquer atitude racista, seja relacionada às mães dos adolescentes ou profissionais.

Sua vida pessoal é marcada pela sua dedicação na educação dos filhos, no que logrou êxito: suas filhas formaram-se em Engenharia e Designer de Moda. Conceição também sempre buscou se especializar no campo da Psicologia, fazendo especialização em Psicossomática, em 1986, e em Drogadição. Mais recentemente fez outra especialização, em Mediação de Conflitos, o que lhe proporcionou atuar no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Atualmente está participando da seleção do mestrado da Fundação Osvaldo Cruz - Fiocruz em Saúde Pública Coletiva.

No presente, encontra-se trabalhando na Escola João Luiz Alves, onde tudo começou. Dedicou-se ao atendimento aos adolescentes e familiares. Serve de espelho para muitas psicólogas, sejam negras ou brancas, jovens ou não. Conceição é uma pessoa conhecida no DEGASE, admirada e respeitada pela sua história, pelo seu profissionalismo e saber constituído.

Conceição simboliza a luta de várias mulheres negras, profissionais no Sistema Socioeducativo, que precisam todos os dias, ao entrarem pelo portão, reafirmarem seu lugar, seja como agente de segurança socioeducativo, como profissional de saúde, administrativa ou equipe técnica, não importa! Conceição nos ensinou com sua história de vida, com sua determinação, que todas nós temos o direito de transformar nossos sonhos em realidade e não é a cor da nossa pele que vai determinar o lugar que devemos ocupar!

NOTAS

1. Entrevista com a autora para sua tese de Doutorado.

IMAGENS

1. Acervo Revista Aú